

RUA PADRE NARCISO

Decreto nº 4705 de 13-08-1975

Protocolado nº 11.560 de 02-05-1975 em nome de vereador Assis Argenton e Outros

Formada pela rua 3 da Vila Carminha

Início na rua da Abolição

Término na divisa do loteamento do Jardim Tupi

Vila Carminha

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Dr. Lauro Péricles Gonçalves.

PADRE NARCISO

José Narciso Vieira Ehrenberg nasceu em Varginha, MG, a 19-06-1926 e faleceu em Campinas, a 17-04-1975. Era filho de Guilherme Ehrenberg e Hiza Vieira Ehrenberg. Havendo sua família se mudado para Amparo, SP, ali fez o curso primário, transferindo-se depois para Campinas, onde de 1938-43 fez o Seminário Menor. Seguindo para São Paulo iniciou seus estudos no Seminário Maior no Seminário Central do Ipiranga, onde permaneceu até 1944. Interrompendo seus estudos de 1945 a 1948 foi trabalhar na cidade de Orlandia, SP, onde residiu. Em 1949 regressou ao Seminário Central do Ipiranga, onde concluiu o curso de Filosofia. De 1950 a 1955 cursou a Universidade Gregoriana, em Roma, onde se licenciou em Teologia. Ordenado sacerdote, em Roma, a 25-10-1953, regressou ao Brasil, exercendo o cargo de Vigário Cooperador da Matriz do Carmo, em Campinas, Assistente da Ação Católica, Defensor do Vínculo no Tribunal Eclesiástico, Diretor da Federação Mariana Masculina e Coordenador da Pastoral na Diocese. Logo revelou sua vocação magisterial, sendo convidado por D. Agnelo Rossi, então Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas, para lecionar no curso de Filosofia Pura. Com brilho invulgar lecionou quase todas as disciplinas filosóficas desde Ética e Estética até História da Filosofia e Filosofia da História, passando pela Gnosscologia e pela Doutrina Social da Igreja. Considerado como "síntese perfeita da cultura e inteligência aliada ao seu caráter humanista" o Padre Narciso nas raras vezes que se afastou da ensino foi para diri ir a Juventude Universitária Católica - JUC. Não terminou de escrever seu livro, uma obra de memória e reflexões filosóficas, que ele havia intitulado: "Eu e o Burro".

**DECRETO N.º 4705, DE 13 DE AGOSTO DE 1.975.**

Dá denominação a uma via pública da Cidade de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969,

DECRETA:

Artigo 1.º — Fica denominada PADRE NARCISO (1926 - 1975) — Sacerdote e Professor —, a Rua 3 da Vila Carminha, com início à Rua da Abolição e término junto à divisa de loteamento do Jardim Tupi.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 13 de agosto de 1.975.

DR. LAURO PÉRICLES GONÇALVES

Prefeito do Município de Campinas

DR. JOÃO BAPTISTA MORANO

Secretário dos Negócios Jurídicos

ENG.º GILBERTO MEIRA BIOLCHINI

Respondendo pela Secretaria de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 11.560, de 2 de maio de 1975, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 13 de agosto de 1.975.

DR. ARMANDO PAOLINELI

Chefe do Gabinete



A Universidade Católica de Campinas tinha, no padre Jo-
sé Narciso Vieira Ehrenberg
um de seus espíritos mais ele-
vados e uma das mentes mais
profundas. Sua morte pesa
como uma das maiores per-
das espirituais da escola des-
de o falecimento de Monse-
nhor Salim, em 1968, e levan-
ta uma dúvida séria quanto
ao futuro do ensino da Filo-
sofia e das Ciências Hum-
anas em Campinas, já extre-
mamente desvalorizado em fa-
vor das Ciências Exatas e
Tecnológicas.

"Síntese perfeita de cultura
e inteligência" para o cônego
Amaury Castanho, que foi seu
companheiro de seminário in-
tellectual que apesar de sua
dedicação as idéias e às le-
tras jamais falhou em sua
condição sacerdotal, o clérigo
falecido parece desmentir ho-
je o velho truismo popular
que diz "ninguém é insubsti-
tuível".

Ele era. A grande pergun-
ta, entre os meios universitá-
rios: quem o sucederá, não
apenas no cargo, mas na ele-
vação espiritual e no vigor
do pensamento? Segundo o
cônego Haroldo Niero diretor
do Instituto de Filosofia e
Teologia da PUCC "é bastan-
te difícil decidir no momento
sobre a substituição do padre
Narciso, se que há alguém
que possa substituí-lo; não
me refiro somente ao enor-
me número de suas aulas e à
importância das matérias que
ele lecionava, senão princi-
palmente ao brilho fulgurante
de sua inteligência, catali-
zadora do respeito e admira-
ção de todos os estudantes".

O diretor fala também da
"sua excepcional compreensão
e sua profunda humanidade",
acrescentando que "era sem-
pre, um prazer, nos encontros
deliberativos do Instituto de
Filosofia, e mesmo nas con-
versas informais, participar
da orientação lucida e clara
que ele nos apresentava, dis-
cutindo e esclarecendo seus
próprios pontos-de-vista".

Refere-se e seguida à sua
disposição ao diálogo e à im-
portância que ele conferia ao
estudo das Ciências Humanas.
"Sempre o preocupou na Uni-
versidade — diz o cônego Ha-
roldo — a necessidade do re-
lacionamento dos professores
entre si e dos professores com
os alunos; importava-lhe
oferecer aos universitários
uma cosmologia fundamen-
talmente humana, iluminada pe-
la fé e pelo pensamento".

O caráter humanista do
professor não se manifestava
apenas teoricamente, no exer-
cício do magistério. Era tam-
bém um traço marcante que
pontilhou toda sua carreira de
sacerdote. Ainda é o cônego
Haroldo quem conta: "não
obstante sua invulgar vocação
para as letras, ele se dedica-
va com muito empenho e ze-
lo aos humildes habitantes de
João Aranha, para os quais
deixou uma imensa saudade;
pude observar hoje (ontem)
essas pessoas questionando,

atônicas: por que o padre ti-
nha que morrer ela era tão
bom".

UM FILOSOFO

Todos os depoimentos de
amigos, alunos e colegas de
trabalho traçam de forma
unânime, em relação ao padre
José Narciso Ehrenberg, o per-
feito perfil do filósofo. Foi, na
opinião do cônego Amaury
Castanho, "uma estrela que
se apagou". Pois que, pelo seu
ascetismo intelectual e pela
intensa dedicação ao magisté-
rio, "ele era simplesmente bri-
lhante".

O assessor de Imprensa da
Arquidiocese, que frequentou
com ele o curso de Filosofia
no Seminário Diocesano de
Campinas e as aulas de Teo-
logia em Roma, relembra que,
recém-ordenado na capital
italiana em 1952, o jovem sa-
cerdote passou a assumir a
Coordenação da Pastoral na
Diocese. Mas permaneceu pou-
co tempo nas funções; logo re-
velou sua vocação magisterial
e foi convidado pelo então
diretor da Faculdade de Filo-
sofia, Ciências e Letras de
Campinas (o hoje Dom Agnel-
lo Rossi), para lecionar no
curso de Filosofia Pura.

Dos seus 49 anos, mais de
20 foram dedicados ao en-
sino. Lecionou quase todas
as disciplinas filosóficas,
desde Ética e Estética, até
História da Filosofia e Filo-
sofia da História, passando
pela Gnoseologia e pela
Doutrina Social da Igreja.
As raras vezes em que se
afastou dessa tarefa foi pa-
ra tratar de assuntos inti-
mamente ligados ao meio
estudantil, como a direção
da Juventude Universitária
Católica — JUC.

Não terminou de escre-
ver seu livro: uma obra de
memórias e reflexões filo-
sóficas que intitulou "Eu e
o Burro". Não chegou tam-
bém a construir um edifi-
cio de pensamento, destina-
do a abrigar um sistema de
idéias e sua mundivivência.
Sua tarefa foi, no autêntico
sentido socrático, formar
uma juventude e encami-
nhá-la para a maturidade
plena. Gerações de profes-
sores, advogados e beletris-
tas devem-lhe a capacidade
de pensar e refletir.

E, além disso, a capaci-
dade de crer no Absoluto. A
cada aluno e ex-aluno, o
professor ensinou que a fé
é possível. Ainda que mui-
tas vezes, pela sua condição
de filósofo, encarasse Deus
através de uma visão pura-
mente racional, jamais ad-
mitiu que Ele fosse acondi-
cionado em esquemas men-
tais lógicos. Sua frase, que
já se tornou célebre: "Se
Deus coubesse em minha
cabeça eu simplesmente o
negaria".

A incomensurabilidade di-
vina é o que pode dar, ago-
ra, um pouco de apoio à-
queles que acabam de per-
der seu líder espiritual, um
filósofo autêntico, um mes-
tre insubstituível.

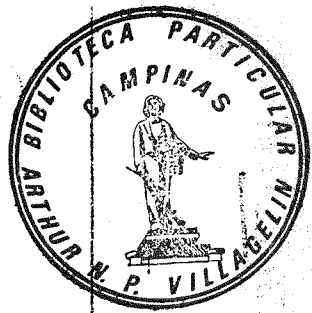


ESCOLA MUNICIPAL DE 1ª GRAU PADRE JOSE NARCISO VIEIRA

EHRENBERG

DADOS BIOGRÁFICOS DE PADRE JOSE NARCISO VIEIRA EHRENBERG

- Nascimento** - Em Varginha (MG) aos 19 de junho de 1926, onde foi batizado.
- Filiação** - Pai: Guilherme Ehrenberg.
Mãe: Gliza Vieira Ehrenberg.
- Estudos** - Curso primário em Amparo (SP).
Seminário Menor (curso ginasial) em Campinas-1938-43.
Seminário Maior (curso superior) no Seminário Central de Ipiranga (1943-1944); interrompendo seus estudos de 1945 a 1948, tempo em que trabalhou na cidade de Orillândia (SP) onde residiu. Em fevereiro de 1949 regressou ao Seminário Central de Ipiranga, onde concluiu o curso de filosofia.
De 1950 a 1953 cursou a Universidade Gregoriana, em Roma, onde se licenciou em Teologia.
- Trabalhos** - Ordenado presbítero (sacerdote) em Roma, aos 25 de outubro de 1953, voltou ao Brasil.
Foi vigário Cooperador da Matriz da Carne, em Campinas, Assistente da Ação Católica, Defensor de Vínculo no Tribunal Eclesiástico, Diretor da Federação Mariana Masculina e até sua morte exerceu professor na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Falecimento** - Morreu, catástrofica e assassinada, em sua residência, aos 17 de abril de 1975. Foi sepultado em Amparo (SP).



DIÁRIO DO POVO

Campinas, sábado, 19 de abril 1975

No velório da PUCC, alunos, amigos e missas.

O padre, o mestre, o homem

Foram 49 anos vividos. Entre eles, 22 de sacerdócio e 20 de magistério. A morte do Padre José Narciso Vieira Ehrenberg foi lamentada pelos familiares, por sucessivas gerações que passaram pela Pontifícia Universidade de Campinas, pela Cúria Metropolitana, pela Câmara Municipal e por muita gente que teve a oportunidade de conhecê-lo na convivência e nas diversas atividades.

Sua morte trágica abalou mesmo os que não o conheciam e provocou diversas manifestações de sentimentos e pesar. Como sacerdote e professor ele se tornou conhecido entre milhares. Mas, o acontecimento veio surpreender principalmente dezenas de alunos e funcionários da PUCC que pouco antes do acontecimento estiveram em sua companhia.

Segundo o secretário Djalmá Maia, do Instituto de Artes e Comunicações, Padre Narciso havia terminado de ministrar sua última aula às 22.30 horas. "Depois disso ainda conversei com ele uns 10 minutos. Ele pediu-me que fosse de manhã em sua casa, buscar um trempe que ele deveria dar para ele, mas como a lição logo se acabou, recebi a notícia do acontecimento". Foi afirmação do secretário Djalmá Maia ter conhecido o Padre Narciso em sua casa.

Em 1954, quando o Padre Narciso estava em seu primeiro ano de magistério, com o dote de seu primeiro trabalho, a hora de sua morte, em 1975, ele já era um homem de 49 anos.

de Filosofia, diretor da Federação Mariana Masculina da Arquidiocese de Campinas, Capelão da PUCC e diretor do Centro de Pastoral Pio XII.

Foi representante do Brasil no Congresso Internacional de Mariologia, em Roma, ocasião em que defendeu a tese: "O poema de Anchieta e a Tradição da Imaculada". Durante quatro anos, foi assistente no Colégio de Orlandia.

A MISSA

Seu corpo foi velado no salão nobre da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e às 15 horas foi celebrada missa de corpo presente. Foi uma concelebração, da qual participaram o arcebispo e diversos sacerdotes, colegas seus.

A pedido da família, seu corpo foi sepultado na cidade de Amparo, onde residem seus familiares e estão sepultados os seus pais.

"Que o Padre Narciso possa encontrar no seio do Senhor a Paz e a Amizade que buscou no seio da humanidade", foi a mensagem da Cúria Metropolitana.

NA CÂMARA, PESAR

O Vereador Ciro Teixeira de Sousa apresentou à Câmara a seguinte moção, pedindo constar no ata de trabalhos o voto de pesar pelo falecimento do sacerdote.

"Voto de triste valde, tomar em nossa cidade e condecorando sacerdote José

Narciso Vieira Ehrenberg, figura de destaque não só no meio da Igreja, mas principalmente nos meios Universitários, onde era muito querido, tendo sido Diretor da Faculdade de Biblioteconomia, e Capelão da Universidade e atualmente era o Professor do Instituto de Filosofia e Teologia, participando de todas as atividades da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Padre José Narciso Vieira Ehrenberg, mercê dos dotes de caráter, bondade, e espírito filantrópico, vem deixar grande lacuna em toda a coletividade campineira, razão pela qual esta Casa, não pode ficar alheia ao infausto acontecimento.

Ante o exposto, requeremos conste da ata de nossos trabalhos, voto de pesar pelo falecimento do Padre José Narciso Vieira Ehrenberg, e que do deliberado seja dada ciência por ofício à família enlutada.

Sala das Sessões, 18/04/75.

Ciro Teixeira de Sousa
Vereador

LUTO

Através de uma portaria o reitor Benedito José Barbosa Fonseca decretou três dias de luto na PUCC. Todos os docentes prestarão homenagens ao falecido em corais de flores e representações. Muitos professores se fizeram presentes e outros ex-alunos enviaram o arcafo Lauro Távila Gonçalves, vários sacerdotes municipais e demais autoridades.

...nha vida de trabalho, o voto de pesar pelo falecimento de Antônio.

— Foi em 1931, em tempos de crise econômica, que conheci a filosofia existencialista, na pessoa de um professor de filosofia da Universidade de São Paulo. Foi então que descobri a obra de Sørensen, Kierkegaard, Heidegger, Sartre, Camus e outros. Comecei a ler e a pensar.

SUA VIDA

Nasceu na cidade de Varzim, Minho, Portugal, em 18 de Junho de 1926. Sua família de Guilherme Ehrenberg e Elza Vieira Ehrenberg. Faz os estudos secundários no Seminário Arquidiocesano de Campinas, onde ingressou por volta de 1937. Curso Teologia em Roma onde se ordenou sacerdote a 25 de outubro de 1953.

Em 1956, ingressou na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, contratado para lecionar Cultura Religiosa, Metafísica, Psicologia Racional, Introdução Filosófica, Ética Profissional, História da Filosofia. Lecionou na Faculdade de Ciências Econômicas e Odontologia, do Serviço Social, nos diversos cursos que formavam a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e ultimamente dava aulas no Instituto de Ciências Humanas.

Foi assistente geral da Ação Católica em Campinas, coordenador geral do Apostolado da Arquidiocese de Campinas, Membro do Tribunal Eclesiástico, diretor do ensino religioso na Arquidiocese de Campinas, presidente do Grêmio Literário do Colégio Pio Brasileiro, em Roma; fundador do Centro de Estudos Sociais de Campinas, sócio fundador da seção Campineira do Instituto Nacional

de Filosofia e Ciências Sociais. Também foi professor de filosofia na Universidade de São Paulo.

Participou de várias reuniões, conferências e cursos de atualização profissional em Filosofia e Teologia, em diversas cidades, e comediando, sagrando José

dos Santos e outros. Também participou de reuniões de professores e entre os ex-alunos de Varzim e de Lisboa, Laure de Almeida, Gabriel, Carlos, Sebastião, Marinho e demais outras cidades.

A ÚLTIMA AULA,

de Paulo Curam

— Falar da minha morte é o mesmo coisa que negar a morte para mim. A frase é de padre José Narciso Vieira Ehrenberg, professor de filosofia nos últimos anos para os alunos da série de Filosofia, de FOCU no último 15 sobre o tema "A MORTE".

A última aula foi anotada, na íntegra, por um dos alunos, o advogado Paulo Curam, que enviou o texto ao Diário do Povo.

"A MORTE"

— Tema cara ao Existencialismo. Evidencia a agudeza de outros temas: "Contingência", "Fracasso", e o "Nada". É a linguagem mais concreta e dramática dos outros temas. De modo geral, para o Existencialismo, a morte encerra todo o homem. Para o Cristão, a morte é "urgência", que equivale a dizer, uma esperança. Com efeito, os Existencialistas Cristãos refletem uma imagem tremendamente melancólica da vida, insistindo na sujeira do pecado do homem, fazendo desta vida, não o primeiro esboço, de uma obra eterna, mas um fracasso fatal até às portas da morte. Assim, para eles, a morte não é um fim, é o único começo. Daí a sombria preocupação desses autores — fazer que não se incorra no esquecimento da morte, pois ela é o último sem-

bre indício de morte, ou de fuga, passando a cada um dos nossos segundos de vida. Entre esta concepção da morte e a do Existencialismo, a morte como necessária, inevitável e terrível, que corre todo o prazo, devemos assinalar Heidegger, segundo o qual, a vida mortícia irremediavelmente leva a morte. Esta, porém, não é um acidente, não vem de fora, pelo contrário, e possui possibilidade suprema. A existência humana é ser-para-a-morte. MORRER É MINHA MORTE É A ÚNICA COISA QUE NINGUÉM PODE FAZER POR MIM. A minha morte é a minha possibilidade mais pessoal, mais autêntica. Não está ao fim da minha vida, está presente a cada momento. Procuo esquecer-me dela, mascarei-la pela indiferença, ou pelos mitos religiosos, ou que seria falsa. Viver autenticamente é viver na espera constante da morte, é olhar, face a face, essa companheira, de todo instante. SARTRE protesta veemente, contra esta MELGRIA HEIDEGGERIANA, que ele chama de DIACRÔNICA — diz que este esforço de ultrapassar a morte ao fim da vida não passa de uma tentativa inautêntica, de continuar a contingência total da existência humana. Não pode dar sentido à vida. A morte é contingência absoluta, ela fixa o mal, no "imobilidade total", deix-me desarmado ao julgamento do outro, marca o fim da posse sobre mim mesmo (deixo de ser aquele que era liberdade para si — para tornar-me apenas "uma coisa"). — Duas afirmações implacáveis de Sartre: "É ABSURDO QUE TENHAMOS NASCIDO E MAIS ABSURDO QUE MORRAMOS" — "A HISTÓRIA DE QUALQUER VIDA É A HISTÓRIA DO FRACASSO" isto é, a Morte é o fracasso em estado puro, perfeito.





DIÁRIO DO POVO

Campinas, 3.ª feira, 22 de abril, 1975

Padre Narciso

JOSE ROBERTO DO AMARAL LATA

Para quem subisse a rua Regente Feijó, do lado esquerdo, no meio da quadra acima da Catedral, havia um velho prédio de paredes amareladas, onde a imprensa diocesana mantinha sua sede.

Um ou dois degraus, abaixo do nível da rua, davam acesso ao baicão. Ah, esperava-me para a entrevista um homem, cuja palidez era aquela que então realmente convinha a um padre. A sua voz era grave e pausada, como a esconder aquela ameaça de sorriso que depois, ao longo dos anos, compreendi ser muito difícil surpreender na suavidade do seu rosto.

Se bem me lembro a idéia da entrevista partira do então cônego Agnelo Rossi. Era preciso dinamizar a imprensa católica da cidade e para tanto se convocava um jornalista bissexto para conhecer o padre Narciso Ehrenberg.

A sua primeira explicação aceitou o diálogo com uma pedra em cada mão, agredindo sem reservas o ranço que insopava aquela imprensa de poucos leitores, constituída ingenuamente num bom veículo de divulgação para o comunismo, sobre o qual a matéria se derramava ocupando o maior espaço das páginas.

Entretanto, a provocação se desmanchou surpresa, pois o padre concordou em tudo com o que dissera. A partir daí foi um pequeno passo para nos tornarmos muito amigos. Contou-me ele a sua experiência de militância pelo interior de Itália quando acompanhava, numa velha lambreta, o pe. Lombardi na montagem dos comícios de desafio fronteiro e direto ao Partido Comunista Italiano, então em grande expansão.

Eram tempos aqueles em que não se podia sequer sonhar com a expectativa de que pudesse aparecer um papa como João XXIII que provocasse a abertura ecumênica da Igreja Católica. Estava ela muito longe de nos satisfazer — aos moços daqueles dias — quer pelas soluções que nos propunha, pelos seus processos de proselitismo, pela sua mundividência enfim.

O padre Narciso apareceu então como alguém que quebrava inteiramente a nossa prevenção contra a paternal bonomia que exalava da sotaina.

Fazia-se necessário, desde logo, convocar os amigos, para que também conhecessem aquele padre que finalmente falava nossa linguagem e o que nós queríamos ouvir. Um punhado de moços em busca de respostas para as interrogações que os inquietavam.

Começamos uns poucos: católicos e não católicos, cépticos e indiferentes, para um contato semanal com alguém excepcionalmente firme para a nossa insegurança, tranquilo para as nossas angústias, culto para as nossas indagações. Alguém que em sendo padre, não se despojava em nenhum momento do seu voto sacerdotal, mas trazia contudo dentro de si muito das nossas aflições e um pouco também de nossa perplexidade diante do mundo e de nós próprios.

Nas terças de sábado, passamos a nos reunir numa das salas do velho Palacete São Paulo num debate franco que muitas vezes se iniciava por fatos corriqueiros da cidade, que já se anunciava com as ameaças que hoje se concretizam sobre o difícil exercício da vida urbana.

O número daqueles dias, em rápida mudança, foi preciso mais de uma vez mudar o local. Houve reuniões no salão da igreja do Cambuí, como houve também o refúgio de alguns dias numa fazenda em Jaguariúna, onde as reflexões ou mesmo a oração que foi possível arrancar de cada um, marcou com certeza nossas vidas para sempre.

Os problemas analisados nessas reuniões eram de tal teor, que não demorou muito para que alguém fosse soprar aos ouvidos de D. Paulo que havia um padre a promover encontros subversivos com um grupo de moços. Mas, o pastor conhecia bem o seu padre. Não deu qualquer ouvido aos intrigantes. Antes, estimulou o nosso diálogo, desacreditando a vacante dos fofocueiros. De outra feita, um grupo de bem intencionados marianos compareceu a uma de nossas reuniões e saiu escandalizado com a natureza dos assuntos que ali eram tratados. Afinal, de que se falava em aqueles colóquios, para causar tal arrepio na tradicional família campineira? Simplesmente dos tabus de então, que hoje em dia, esta mesma família não consegue impedir que entrem por baixo de sua porta ou pela antena do seu telhado, através dos meios de comunicação de massa. Foram então ocorrências, para as quais se institucionalizava a indiferença ou a ignorância, como se elas não existissem...

As nossas preocupações desciam à necessidades de um comprometimento ecumênico, à falaciosa politização de um populismo massificador, ao homotexualismo e aos desvios que se pronunciavam no trabalho que a cidade ia realizando, ou ainda o setor profissional problematizada por médicos, advogados, professores e engenheiros que confundiam no padre e aos seus interlocutores os dramas de sua vivência e as fricções nas relações comunitárias e sociais que tornavam mais tensa a aventura diária numa cidade que assistia impassível à poluição moral dos seus padrões de cultura.

Essas lembranças me assaltam agora sob o abalo brutal da morte do padre Narciso. Tenho certeza de que todos que o conheceram têm um depoimento semelhante a dar, não só por força das trágicas circunstâncias de sua morte, mas pela vida que ele trazia dentro de si, exteriorizada sempre no tom grave de suas palavras.

Acredito que tivesse escolhido uma chácara para sua morada, para poder conseguir a quietude necessária às suas reflexões e ao carinho com que se entregava por inteiro à sua ação.

Entretanto, a fúria assassina que se abate sobre a cidade foi alcançá-lo naquele refúgio, interrompendo sua missão. A sua ausência empobrece muito aqueles que tiveram a ventura de se enriquecer com a sua inteligência e a sua bondade. Mas, também diminui esta cidade, a quem ele deu angustiosamente muito de suas preocupações e do seu trabalho, para tentar obuscular o rápido processo de desumanização que a envolve, ao ponto de não ter sequer poupado a vida de quem tanto a queria.



"PADRE JOSÉ NARCISO VIEIRA EHRENBORG"

O Padre José Narciso ordenou-se sacerdote, em Roma, em 1953, havendo três anos depois ingressado na PUC, contratado para lecionar Cultura Religiosa, Metafísica, Psicologia, Racional, Iniciação Filosófica, Ética Profissional e História da Filosofia. Vítima da violência humana, sua morte trágica abalou mesmo os que não o conheciam, havendo deixado um círculo de amizades dos mais expressivos.

"PROFA ANA FERREIRA DE COSTA FERREIRA"